



HISTÓRIA, FICÇÃO E MEMÓRIA NA ESCRITA AUTORREFERENCIAL DE GILBERTO FREYRE¹

Bruno Cesar Cursini²

Resumo:

Este trabalho analisa três textos autobiográficos de Gilberto Freyre: *Dona Sinhá e o Filho Padre*; *Tempo morto e outros tempos* e *De menino a homem*, colocando-os em paralelo com o que é conhecido sobre sua trajetória e explorando a natureza diversa destes textos, assim como seus pontos em comum. Discutimos a importância dos escritos de si como fonte, as possíveis abordagens metodológicas e as eventuais vantagens e limitações de cada uma dessas abordagens, assim como a relevância da documentação para o estudo da história dos intelectuais.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; autobiografia; diários; intelectuais, escritos de si.

Abstract:

This paper analyses three autobiographical texts from Gilberto Freyre: *Dona Sinhá e o Filho Padre*; *Tempo morto e outros tempos* and *De menino a homem*, making a parallel with what is known about his trajectory and exploiting the different nature of these texts, as their places in common. We discuss the importance of the self writings as a source material, the possible methodological approaches, as the relevance of the documents for the study of intellectual history.

Key-words: Gilberto Freyre, autobiography, journals, Intellectuals, self writings.

Introdução

Neste artigo, pretendemos analisar de forma detida algumas possibilidades que o debruçar-se sobre os escritos de si oferece para o desenvolvimento da história intelectual. Como exemplo, tomaremos parte do vasto material autobiográfico deixado por Gilberto Freyre, um indivíduo cioso de seus registros de impressões e eventos, para quem o memorialismo seria um traço característico dos autores de língua portuguesa (FREYRE, 1975, p. XII). Lançar mão da memória como ferramenta é algo inevitável quando se elaboram escritos auto-referenciais. O

¹ Artigo elaborado originalmente para aprovação na disciplina "História intelectual e política: sociabilidades, narrativas e discursos", sob a orientação do professor Marcos Sorrilha Pinheiro.

² Formado em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Campus de Franca. brunachos@gmail.com.

historiador deve estar atento às implicações disto:

As artes da memória são distintas dos trabalhos da história. E se a história é uma das formas da memória coletiva e um *lugar de memória* especialmente significativo [...], ela não é um sinônimo perfeito de memória porque, tal como operamos hoje com os dois conceitos, o enquadramento de ambos é distinto e a intenção de raiz de uma e de outra são diferentes, sendo a natureza da operação historiográfica crítica e analítica, enquanto é vivencial e testemunhal a raiz do artesanato da memória. (SOUZA NEVES, 2009, p. 26)

A busca na qual Gilberto Freyre se empenha na documentação selecionada para compor este artigo não é a da mera reconstrução dos elementos da própria vida, mas uma busca pela recriação de todo um passado associado a estas lembranças. Isto pontua de questionamentos a utilização de tais textos como fontes para um trabalho propriamente historiográfico, e é justamente na trilha desta problemática que pretendemos seguir com nossa investigação.

É preciso, em primeiro lugar, delimitar nossas referências de definição. Os escritos de si são uma fonte cuja natureza epistemológica vem sendo debatida avidamente. E há, sobre eles, várias classificações possíveis que complicam ainda mais uma eventual catalogação neste ou naquele campo de pesquisa: temos as memórias, os diários, as autobiografias e os romances autobiográficos, a correspondência, entre outros. Contardo Calligaris, entretanto, ressalta que estes diferentes gêneros se interpenetram, acumulando características uns dos outros e se confundindo, podendo ser estudados sob critérios semelhantes ou mesmo idênticos (1998, p. 46). Partiremos da premissa de que um texto autobiográfico só adquire o referido status através de um pacto feito entre seu autor e os possíveis leitores (LEJEUNE, 2014). Este pacto deve ser buscado em elementos extratextuais, como o nome do autor que coincidirá com o do protagonista da narrativa; declarações explícitas no prefácio, capa ou dedicatória; etc. Lejeune (2014, p. 18) afirma que "para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre *o autor*, *o narrador* e *o personagem*." Isto é importante, pois um de nossos documentos, o livro *Dona Sinhá e o Filho Padre*, é um romance autobiográfico publicado por Gilberto Freyre no ano de 1964, e a classificação de autobiografias ficcionalizadas é ainda mais melindrosa. O fato é que, quando incorpora elementos do romance, mais do que nunca o gênero autobiográfico se coloca no ponto enigmático de intersecção entre história e literatura. Uma obra desta natureza, escrita por um autor que via na harmonia dos opostos a forma mais conveniente de traduzir a realidade, acaba forçando a reflexão sobre o assunto. De acordo com Fabiana Fredrigo e Libertad Bittencourt:

As oposições entre ciência e arte e entre ficção e verdade ofuscam o fato de que, ao fim e ao cabo, história e literatura propõem-se a um exercício de reflexão

sobre os acontecimentos que é, ao mesmo tempo, um fundamental exercício sobre a escrita. (2015, p. 195)

De fato, em suas origens remotas história e ficção se confundem a ponto de se tornarem indistinguíveis uma da outra (COSTA LIMA, 2006). Mesmo em sua forma moderna, o romance surge com a denegação explícita do ficcional (MARTHE, 2007, p.12). Segundo Diana Klinger (2012, p. 26), "não existe a forma moderna da literatura antes que se possa falar de *indivíduo* no sentido moderno, mas também não existe esse sem aquela". O fato de que o surgimento da autobiografia esteja consensualmente datado no mesmo século que o do romance moderno não deve ser encarado como mero produto de contingência histórica. Apesar da escrita de si ser uma das tradições mais antigas do ocidente, ela assumiu diferentes formas e direcionamentos conforme o período em questão. Na antiguidade clássica tínhamos os *hupomnemata*, a correspondência e a ideia de aprimoramento pessoal (FOUCAULT, 2010). Na Idade Média, o cristianismo deu o tom: a renúncia da carne, a supervalorização dos defeitos e a culpa como fundamento. As *Confissões* de Santo Agostinho são um bom exemplo disto (KLINGER, 2012, p. 25), e Santo Antônio é um pioneiro ao propor a escrita - numa forma semelhante ao diário - para que o indivíduo purgasse a mente das más idéias (LEJEUNE, 2014, p. 361). É somente no século XVIII, entretanto, que a escrita pessoal começa a adquirir o feitiço que nos é familiar. Neste período, os diários, a correspondência e os próprios romances começam a ser modificados pelo elemento decisivo de uma nova concepção do *eu*. Mas, segundo Benveniste (1989, p. 261), "nenhum pronome pessoal remete a um conceito, mas exerce a função de remeter a um nome ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome." No caso, esta entidade seria o autor. Embora muito se tenha advogado acerca da "morte do autor", há elementos que problematizam sua redução, na atualidade, a uma mera função. Diana Klinger afirma que:

Como produto da lógica da cultura de massas, cada vez mais o autor é percebido e atua como sujeito midiático. Se, além disso, o autor joga sua imagem e suas intervenções públicas com a estratégia do escândalo ou da provocação [...] torna-se problemático afirmar ainda que 'não importa quem fala. (2012, p. 31)

Vale à pena observar também que, na modernidade ocidental, e apenas nela, "[...] as condições de enunciação de uma mensagem se tornam tão importantes quanto, ou mais importantes que, a mensagem mesma" (CALLIGARIS, 1998, p. 45). Isto se agrava no caso dos intelectuais, figuras cuja natureza - se olharmos para as definições de Croce, Ortega Y Gasset, Benda e Mannheim - exige que dêem algum respaldo à sociedade; seja se mantendo numa neutralidade vigilante, militando, ou conduzindo as massas como lideranças mais aptas e esclarecidas (BOBBIO, 1997; RUGAI BASTOS, 1999). Isto é mais sintomático na América Latina,

que, historicamente, sempre buscou nos intelectuais o instrumento para a formação de sua identidade (AGGIO, 2015). Todo material escrito por um dado intelectual - que trabalhou na construção de ideias, teorias sociais e análises de conjuntura - é importante para o mapeamento da gênese de sua produção; e nisto incluímos os escritos de si, pois eles revelam aspirações, afetos, rancores, afinidades e distanciamentos deliberados de personalidades e correntes de pensamento. No caso específico de Gilberto Freyre, temos motivos para crer que há muito que se aproveitar do estudo de sua correspondência, diário e autobiografias como fontes, pois ele empregou na confecção destes documentos muito e detido esforço, incluso nisto a publicação dos mesmos que, apesar de conterem inúmeras confissões - não raro embaraçosas para a época - foram levados a público, quando não pelo próprio autor, pela sua família. Tudo isto é parte da

“[...] imagem oficial de Gilberto Freyre que ele próprio, ao longo de muitos anos, teve o cuidado de administrar, de modo direto ou indireto. É claro que essa imagem, em diferentes momentos, acrescentou dados novos, reais ou imaginários, não importa. É assim que se figuram os mitos e, sem dúvida, Gilberto Freyre é um mito da cultura brasileira. Através dessa mitologia, construída por ele e por seus intérpretes, recuperamos a relação entre a obra e a época, o presente e o passado. (RUGAI BASTOS, 2006, p. 19)

Não podemos negar que os esforços de Freyre em torno da produção da própria memória e da construção de uma imagem pública através da concessão de entrevistas aos grandes *media*, aliados à abundante bibliografia crítica que se foi construindo em torno de sua obra – bibliografia que constitui no trabalho de entusiastas muitas vezes apaixonados (COSTA LIMA, 1986) – acabaram de fato por engendrar uma *mitologia*, sobre cujos perigos vem nos alertar Quentin Skinner:

I do wish, however, both to insist on the various ways in which to study simply what each classic writer says is unavoidably to run the perpetual danger of lapsing into various kinds of historical absurdity, and also to anatomize the various ways in which the results may in consequence be classified not as histories at all, but more appropriately as mythologies (SKINNER, 1969, p. 7).³

Skinner chama a atenção justamente a respeito das consequências desastrosas às quais pode conduzir uma leitura equivocada de textos clássicos, levando o historiador a atribuir ao autor significados que ele jamais poderia ter considerado, tendo-se em vista o período em que viveu. Mais adiante retomaremos a validade do método de Skinner para a nossa análise, assim como suas possíveis complementações e questionamentos. O ponto é que Gilberto Freyre era

³Em livre tradução: “Eu gostaria, porém, em insistir nas várias maneiras pelas quais estudar-se simplesmente o que cada autor clássico diz, é cair inevitavelmente no perigo constante de degradingolar em vários tipos de absurdos históricos, e também sobre os vários caminhos pelos quais os resultados podem, conseqüentemente, não ser classificados como história de nenhuma espécie, mas mais apropriadamente como mitologias.

um homem inteligente, que deixou uma obra porosa e repleta de ardis. Uma seleção de documentos nos quais ele se ocupa em retratar a própria história de vida e, não raro, referenciar as obras que fizeram parte de diversas etapas de sua formação, pode ser uma boa ferramenta para observá-lo sob um prisma menos mitológico e mais historiográfico.

O Autobiográfico em Gilberto Freyre

Em 1964, já há muito um nome consagrado do pensamento social brasileiro, Gilberto Freyre decide realizar sua primeira experiência como romancista, e dá ao público a seminovela *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Suas ambições literárias, entretanto, pré-datam de muitas décadas: em carta ao amigo e historiador Oliveira Lima, datada como tendo sido escrita em agosto de 1921, Freyre afirmava que "um dos meus sonhos é escrever uma novela sobre um menino, e o herói de Sudermann se parece muito com o que vive há tempo na minha mente onde talvez venha a morrer" (CASTRO GOMES, 2005, p. 108). Felizmente, a predição não se cumpriu, e Gilberto Freyre viveu o bastante para consumir seu projeto. Freyre não deixa esquecer suas pretensões modestas com esse novo livro, a começar pelo epíteto de "semi". Mas, ambigualmente, também se coloca como o inaugurador de um novo termo e de um novo gênero. Sim, pois em sua "Conversa do autor com o leitor", texto que vêm a guisa de epílogo, ele comenta uma possível classificação para sua mais nova narrativa:

Se romance ou novela - ou seminovela - a que espécie de romance pertence este *Dona Sinhá e o filho Padre*? Talvez a nenhuma das tradicionais, embora nele se encontrem sugestões vindas, umas, da velha novela inglesa - sobretudo de Dafoe, hoje considerado atualíssimo - outras da mais nova. (FREYRE, 1964, p. 178)

Através desta sobreposição de informações nos vemos face a face com uma das assinaturas mais conhecidas de Freyre: sua capacidade de justapor e equilibrar contrários (CARDOSO, 2013). Assim, quando vemos a negação explícita de que o livro que lemos seja uma autobiografia - "Este semi-romance - ou seminovela? - ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a forma de ficção." (FREYRE, 1964, p. 177) - não devemos nos precipitar e concluir que está anulada qualquer possibilidade de pacto na forma que propõe Lejeune, já que, ao confrontarmos esta afirmação com outras no mesmo texto ou oriundas de outras fontes, percebemos um paralelo claro entre a trajetória do protagonista de *Dona Sinhá* e a história de vida de seu autor. A própria necessidade de Freyre em negar o caráter autobiográfico do livro é sintomática desta relação. Ele, assim como seu herói José Maria, também nasceu no Recife, também era descendente de

senhores de engenho e parente dos Wanderley de Serinhaém, também foi criado na companhia de mucamas e pajens negros, também tinha um apego especial à figura materna e, o mais curioso, teria sido induzido a um pretense sacerdócio pela vontade de uma de suas avós. Mas Freyre fragmenta-se na narrativa espiralada: ele não surge apenas como o frágil José Maria, filho de Sinhá; ele imprime características de sua vida e personalidade também no melhor amigo e protetor deste, o médico Paulo (que será seu novo protagonista numa segunda seminovela, escrita alguns anos depois), e surge como o próprio Gilberto Freyre, sociólogo de carreira e sucesso. Ele é o narrador em primeira pessoa que, em busca de ingressar tardiamente na carreira de romancista, se depara com a sua invenção ganhando corpo, voz e existência. Temos aqui o que Lejeune chamaria de "pedra da roseta da identidade" (2014, p. 20). Mas muitas foram as transformações que Freyre operou na vida de seu protagonista a fim de distanciá-la de sua própria, a começar pelo período em que José Maria vive: um momento de convulsão política, marcado pela efervescência das ideias republicanas e pelo fortalecimento do abolicionismo. Gilberto Freyre se definia como um saudosista incorrigível e não via tal traço como um defeito (RUGAI BASTOS, 2006). Nasceu em 1900, sem ter podido testemunhar ou tomar parte em nenhum dos eventos narrados em sua seminovela. Não seria a ambientação de José Maria no Recife e na Olinda da segunda metade do século XIX uma projeção da fantasia do autor que, apesar do seu interesse no tema, nunca conviveu entre escravos negros numa monarquia dos trópicos? O fato é que "No se escriben novelas para contar la vida sino para transformarla, añadiéndole algo." (VARGAS LLOSA, 2002, p. 17).

O exame de outras fontes do espaço autobiográfico de Freyre é indispensável, não apenas para um entendimento desta sua seminovela como um texto auto-referencial, mas também para uma compreensão mais rica de sua obra como estando ligada a este espaço através de elos múltiplos. Seu diário pessoal, mantido entre os 19 e os 30 anos e publicado apenas em 1975 sob o título *Tempo morto e outros tempos*, possivelmente foi a primeira modalidade de escrita de si levada a cabo por ele - se considerarmos que Freyre começou a redigi-lo de fato na data em que afirma. No prefácio, o autor compartilha algumas de suas ideias acerca do papel e importância deste tipo de atividade:

[...] até os registros de um simples colegial podem ser documento de considerável importância para a transmissão do que é imortal nos tempos que em parte morrem, uns mais, outros menos do que os homens. Vários são aqueles diários que, não sendo obras-primas, têm contribuído para um sempre maior conhecimento do Homem pelos homens. (FREYRE, 1975, p. VIII)

Podemos inferir ao menos parte das motivações de Gilberto Freyre ao publicar, tantos anos

depois, seu registro das impressões do que foram os primeiros anos da formação acadêmica até o fatídico episódio da destruição da casa de seus pais. Deve-se ter cautela em não se deixar embalar por suas palavras modestas e acreditar que ele olhava para suas reminiscências como "os registros de um simples colegial." No próprio corpo do diário encontramos uma seguida necessidade por parte do jovem Freyre de afirmar seu destaque intelectual em relação a colegas e mesmo mestres: "Louvores por ele recolhidos com um cuidado de quem absurdamente considerasse o seu diário íntimo possível instrumento de publicidade ou de reclame de pessoa ainda obscura" (FREYRE, 1975, p. VIII). Embora muito próximos da autobiografia e mesmo confundindo-se com ela, os diários têm suas peculiaridades em relação às outras modalidades de escrita íntima. Sua marca mais indelével é a divisão por entradas, que no caso do diário que examinamos são abertas a cada ano, mas seu principal elemento de distinção da autobiografia clássica é seu lugar no tempo: a autobiografia é redigida em retrospectiva, o autor tendo conhecimento prévio do desfecho da narrativa, dos personagens que aparecerão e em que momento. O diário é filho do presente, é algo como um sinal que mandamos em direção ao futuro (LEJEUNE, 2014). As razões que levaram Gilberto Freyre a escrevê-lo parecem ser as mesmas de milhares de diaristas ao longo do curso da história: "[...] diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se combinam." (Calligaris, 1998, p. 43). Lejeune (2014) admite que um diário mude de caráter conforme sofre alterações posteriores à sua redação. Quaisquer acréscimos feitos neste sentido o converteriam automaticamente em autobiografia. Somos levados a acreditar, no caso deste diário, conforme indicação do próprio autor, que nenhuma adulteração *a posteriori* foi feita, salvo "[...] um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades" (FREYRE, 1975, p. VII), mas, no geral, respeitando a datilografia de tantos anos antes. Há também de se acrescentar que Freyre menciona o fato de que parte do diário se perdeu "[...] devorada pelo cupim" (FREYRE, 1975, p. VII). Parece, entretanto, ser ponto pacífico entre os estudiosos contemporâneos que *Tempo morto e outros tempos* foi reescrito durante a década de 1970 (MEUCCI, 2015, p. 59). De fato, um exame cuidadoso do estilo empregado faz duvidar que algumas passagens tenham sido escritas por um colegial com a pena pouco treinada. Estes e alguns outros pontos nebulosos nos permitem adotar certa fluidez conceitual no que diz respeito a classificar este documento como sendo ou não, além de um diário, também uma espécie de autobiografia. Sobretudo quando pensamos que ele conta com uma sequência. Foi justamente assim que Gilberto Freyre propôs que encarássemos *De menino a homem*, autobiografia póstuma publicada em 2010 e redigida, acredita-se, na década de 80. Neste momento da vida, Gilberto Freyre admite a impossibilidade de publicar um diário que

dê conta dos anos seguintes a 1930, já que perdera o hábito de anotar religiosamente seu dia a dia. Faz então sua proposta:

O que posso tentar, com relação ao tempo que se seguiu imediatamente ao do exato diário, é evocar, um tanto à vontade, cotidianos da década trinta e da quarenta, e possíveis transbordamentos dessas décadas na cinquenta e até, por vezes, na sessenta e na setenta. (FREYRE, 2010, p. 27)

Temos aqui, portanto, a definição do livro como uma autobiografia em seu sentido estrito; não é diário, pois não conta com entradas nem foi escrito tendo no presente fugidio seu único referencial. Pelo contrário, este livro se apóia na memória como fonte matriz da revelação (QUINTAS, 2010, p. 12). Um evento chave para a narrativa em *De menino a homem* é o mesmo que marca o final da que o precedeu: A destruição da casa da família Freyre na cidade do Recife, no ano de 1930. Assim consta em *Tempo morto e outros tempos*:

Não me sinto com serenidade para confiar ao meu velho diário as emoções destes últimos dias. Que posso dizer, sob a impressão da notícia que me acabam de dar: a de que a casa da minha família foi saqueada e queimada. Que escrever sob a incerteza de papéis, livros, relíquias para mim tão preciosas? Sob a certeza de que para minha Mãe e meu Pai a casa saqueada, roubada, incendiada foi golpe ainda mais profundo do que para mim? Pois eu hei de refazer-me. Tenho trinta anos. Mas eles - que já passaram dos cinquenta e cinco? que caminham para os sessenta? (FREYRE, 1975, p. 247)

O sinistro episódio é revisitado na autobiografia:

Revi o Recife que deixara em dias trágicos. Masoquistamente, fui ver o que restava da casa da família na Madalena: destroços. Mais uma vez, contive o ódio a vencedores tão mesquinhos. Era preciso que minha atitude fosse a de superação do puro ódio. (FREYRE, 2010, p. 59)

O crime que marcou tão profundamente a vida de Freyre foi decorrente da interpretação política dada ao assassinato de João Pessoa, episódio ao qual o governador Estácio de Coimbra, de quem Freyre era assessor de gabinete, se viu ligado. Freyre se exilou com o governador em Lisboa, e lá foi notificado da tragédiapatrimonial. Os culpados foram os membros da Aliança Liberal; "ladrões fantasiados de patriotas" (FREYRE, 2010, p. 28). Tal como indica em suas reflexões, Gilberto Freyre, amparado por sua determinação e juventude, empenhou-se por superar o momento difícil, e logrou êxito: a narrativa subsequente de *De menino a homem* reporta os desdobramentos bem sucedidos da carreira política e intelectual do autor: como foi gratificante colher os louros do sucesso pelo lançamento de *Casa-grande & Senzala* e como ele foi pressionado pelos estudantes de Pernambuco a levar a cabo uma candidatura e um mandato como deputado federal. Mandato este que o colocou na assembléia constituinte de 1946,

possibilitando-lhe trabalhar em torno de pautas que julgava importantes: contribuições para o debate acerca reformas no ensino básico e universitário (que nem sempre acabaram acontecendo), tentativas de melhorar a vida dos trabalhadores da lavoura e a criação do que hoje é a Fundação Joaquim Nabuco (FREYRE, 2010, p. 103 – 106). Além dos êxitos, a autobiografia frisa um dos aspectos mais característicos da auto-imagem que o autor construiu para si, e no qual parecia disposto a acreditar: o de que ele seria um “gênio incompreendido” entre seus pares. Freyre descreve um grande apego à terra, ao Brasil e especialmente à Pernambuco, mas não poupa seus compatriotas intelectuais que, em pleno processo de estruturação da universidade no Brasil, não lhe teriam dado o merecido valor. Em primeiro lugar, *ele mesmo* parece ter a própria obra em alto conceito:

Casa-Grande & Senzala [não tem] nenhum precedente europeu ou estadunidense sob qualquer aspecto. Seu método, uma nada ortodoxa mistura de métodos aplicados, em conjuntos inter-relacionados, criativamente ao Brasil. Sua linguagem, uma nada ortodoxa repulsa a jargões acadêmicos em qualquer especialidade científico-social. Nenhum purismo científico. Constante expressão literária. E uma também constante adoção de termos infantis, femininos, cotidianos, primitivos, a quebrar o nada seguido exclusivismo da expressão acadêmica. Ao contrário: a expressão acadêmica muito mais superada do que seguida. Nada passivamente adotada. Originalidades que não poderiam deixar de ser reconhecidas. (FREYRE, 2010, p. 66)

Nada disso, entretanto, parece ter bastado aos intelectuais Brasileiros que, segundo Nelson Rodrigues (1996), organizaram um complô para abafar a repercussão da obra de Freyre. Não é nossa intenção entrar no mérito da legitimidade destas queixas, mas certamente elas não deixam de ser interessantes para sondagens acerca de sua concepção da vida intelectual no Brasil seu contemporâneo.

Devemos presumir que a morte apanhou Gilberto Freyre com este projeto autobiográfico ainda em desenvolvimento. É impossível saber se o texto continuaria se desenrolando para além do sugestivo encontro com a Baronesa da Estrela, ou se alguma das passagens nas quais recebermos confissões desconcertantes teria sido, afinal, suprimida. Mas entendemos que esta obra, em seu formato e fazendo par com *Tempo morto e outros tempos*, é uma das peças mais importantes do complexo mosaico que a memória fabricada por Gilberto Freyre nos permite compor.

Considerações Finais

Pretendemos, com a documentação levantada, avançar na exploração das possibilidades oferecidas pelos escritos autobiográficos para a historiografia. Acreditamos que Gilberto Freyre

seja base consistente para um estudo de caso que enriqueça esta abordagem. Freyre era memorialista, cultivava fortes laços afetivos com seus objetos de estudo, e afirmava que tais estudos constituíam numa espécie de "autobiografia coletiva" do povo brasileiro (FREYRE, 2010). Mesmo sua tentativa de criar passa por sua própria história, na invenção de um menino que teria o passado de todos nós (FREYRE, 1964). Há certa desconfiança no trato com a documentação autobiográfica. Ela "[...] não favoreceria um deslocamento entre discursos. Sua destinação natural seria a de documento histórico auxiliar. Mas, já ao surgir, a autobiografia é acompanhada da desconfiança do historiador quanto à sua fidedignidade" (COSTA LIMA, 2006, p. 351). Vários aspectos desta desconfiança surgiram neste trabalho. As dificuldades para se determinar a natureza do pacto estabelecido em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, por exemplo. Ou as dúvidas instiladas pelo próprio Freyre quanto à integridade da versão final de seu diário. Temos em mão um material capcioso. Tanto que Gusdorf (1956, p. 36 apud COSTA LIMA, 2006, p. 351), classifica as memórias - e aqui não estamos considerando a diferença entre estas e todo o tipo de literatura íntima - como sendo "[...] sempre, em certo grau, uma vingança contra a história." No campo da história intelectual e da história das ideias, entretanto, pensamos que os textos autobiográficos sejam de grande importância para a compreensão de vários aspectos-chave, não podendo o historiador recuar diante desta pretensa vingança. Conforme indica Sirinelli:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (1986, p. 248)

Nesta perspectiva, os textos produzidos por um dado intelectual com o fim de narrar a própria vida e deixar um registro de suas impressões acaba desempenhando um papel decisivo, já que expõe as referidas estruturas e afinidades. Como no caso de Freyre há uma profusão de fontes deste tipo, é importante cotejá-las, a fim de, através da detecção de semelhanças e incongruências, lançar a luz de novos questionamentos sobre a intrigante trajetória deste personagem. As fontes em questão são úteis também para um levantamento das leituras do autor, tanto de teorias quanto de documentação. Isto vai de encontro a uma proposta de estudo dos intelectuais que entende que

A compreensão das articulações entre autor, texto, contexto e fortuna crítica constitui uma abordagem desafiadora que, não obstante, se sustenta no pressuposto de que tanto homens e suas ideias, como instituições e alternativas históricas são personagens de uma sofisticada trama na qual se tece a consciência social e sociológica (MEUCCI, 2015, p. 23)

Meucci faz eco às ideias de Pocock e Quentin Skinner (1996; 2003) que, através de uma busca intertextual, pretendem ser capazes de atingir plena compreensão de um determinado autor. A chave para a compreensão de textos não estaria em sua releitura exaustiva, mas sim em sua contextualização apropriada. De acordo com Elide Rugai Bastos (2006, p.60) "Neste sentido, embora existam diferenças às vezes profundas entre pensadores de um período, pode-se perceber uma unidade interna entre eles, caracterizando-se um estilo de pensamento." Mas a exegese a nível textual também é importante para a "compreensão das formulações, a forma narrativa, os argumentos e as tensões internas [...]" (MEUCCI, 2015, p. 22) enquanto que, no que Mannheim (et al 1997, p. 68) chama de "leitura do autor" - que acreditamos ser viável através do estudo da escrita auto-referencial - conseguimos "[...] perscrutar condições intelectuais e institucionais, os interesses e escolhas do autor entendido como agente situado numa teia de inter-relações sociais [...]" (MEUCCI, 2015, p. 22). O método de Skinner é pautado pela intencionalidade do autor e pela busca ao que ele "estava fazendo" quando escreveu o que escreveu (SKINNER, 1996; POCOOCK, 2003), entretanto, "[...]puede haber entre la vida y el texto relaciones que van más allá e incluso contradicen las intenciones del autor" (LA CAPRA, 1998, p. 256). O método skinneriano, embora valioso no estudo de textos, deixa, conforme a visão de La Capra, algumas lacunas a serem preenchidas. Raymond Williams (2011) oferece uma alternativa interessante ao propor o estudo das dinâmicas de formação dos sentimentos de classe, enquanto Pierre Bourdieu (2007) coloca à disposição um instrumental teórico bastante eficiente, como os conceitos de *campo* e *habitus*. Acreditamos que todas estas propostas metodológicas tenham seu valor quando, como em nosso caso, propõe-se estudar a trajetória de um intelectual através de sua autobiografia ou autobiografias: o cotejamento de diferentes autores é inescapável, e há a possibilidade de chegar-se a respostas autênticas através das perguntas de Pocock e Skinner, ao mesmo tempo em que, por sua própria natureza intrínseca, os escritos de si tornam-se uma fonte para a qual Williams e Bourdieu provêem uma luz difícil de prescindir. Tomemos como exemplo este trecho do diário analisado:

Não; já não acho minha Mãe a moça supremamente bela que achava quando era menino. Continuo a achá-la bonita e amá-la supremamente. Mas sabendo que senhoras como Dona A. B., por exemplo, são mais bonitas do que ela. É claro que eu quisera que ela fosse mais bonita do que todas as Donas A. B. O tempo torna o menino que se faz homem, terrivelmente crítico. Analista. Adolescência é análise, é crítica, é introspecção. Nem sempre pode ser sinceridade porque o adolescente saindo do mundo da meninice para o dos adultos precisa de acomodar-se ao mundo dos adultos, que é cheio de convenções e abafos. A necessidade do adolescente de ser sincero consigo mesmo é, porém, imensa. Pelo menos é o que venho experimentando de modo agudo. Foi por isto que eu comecei a confessar-me a este diário que é hoje, para mim,

outro Eu. Por isto também que não me sinto particularmente atrevido para tentativas de literatura de ficção ou teatro: toda ela com seu elemento de farsa. É a verdade que eu estou empenhado em confessar-te, meu caro diário. Se não a verdade, minha busca da verdade a meu respeito e a respeito dos outros. Verdade autobiográfica, biográfica, histórica." (FREYRE, 1975, p. 12)

Aqui encontramos alguns elementos carregados de subjetividade que, se submetidos à análise nos moldes propostos por Williams, nos trariam resultados muito frutíferos. O "mundo da meninice" e o "mundo dos adultos" são construções sociais ligadas à afetividade e às sensibilidades de um determinado período; no caso o ano de 1916; o extrato social sendo a classe de produtores açucareiros em franca decadência. Outro exemplo bastante ilustrativo talvez seja a comparação entre o Nordeste açucareiro e a Grécia antiga em seu poder criador de valores (FREYRE, 1967, p. 171).

Também é importante salientar que este artigo não abarca toda a abundante escrita auto-referencial de Gilberto Freyre. Ele era um escritor prolífico em todos os gêneros nos quais se propôs trabalhar, e tinha um apreço especial pela escrita de si. Há outros diários, ainda que de tipo diferente do que abordamos aqui. *Aventura & Rotina* é um registro de viagens pela África e pelo oriente; *Um brasileiro em terras portuguesas* é o diário de uma pesquisa desenvolvida numa aldeia de pescadores da antiga metrópole; *Apipucos: que há num nome?*, um pequeno livro sobre o engenho no qual ele permaneceu a maior parte de sua vida; *O outro amor do Doutor Paulo* é sua segunda seminovela e serve como continuação da primeira. Há ainda as cartas trocadas com amigos, célebres ou não (este trabalho dá conta apenas da correspondência mantida com Oliveira Lima). Tais documentos devem constar como sugestões para o desenvolvimento de pesquisas posteriores que tenham interesses coincidentes com os nossos.

Bibliografia e demais fontes de pesquisa

Fontes impressas

CASTRO GOMES, Angêla de (org.). Em Família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

FREYRE, Gilberto. Apipucos: que há num nome? Recife: Massangana, 1983.

_____. Aventura e rotina: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. De menino a homem: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Recife: Global, 2010.

_____. Dona Sinhá e o Filho Padre: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

_____. O outro amor do Doutor Paulo: Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. Tempo morto e outros tempos: Trechos de um diário de adolescência e primeira

mocidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. Um brasileiro em terras portuguesas: Introdução a uma possível luso-tropicologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

Obras de referência

AGGIO, Alberto. Um lugar no mundo. Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. Campinas: Pontes, 1989.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Annablume Editora, 2007.

CARDOSO, Fernando Henrique. Pensadores que inventaram o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. A Aguarrás do tempo: Estudos sobre narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Sociedade e discurso ficcional. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. O fingidor e o censor: No Ancien Regime, no Iluminismo e hoje. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

_____. Os limites da voz: Montaigne, Schlegel. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. Sobrados e Mucambos. Recife: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). "Giro lingüístico" y história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LEJEUNE, Phillippe. O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOPES, Marco Antônio (org.). Grandes nomes da história intelectual. São Paulo: Contexto, 2003.

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

MANNHEIM, Karl (et al) Sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MEUCCI, Simone. Artesania da Sociologia no Brasil: Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

POCOCK, John G. A.. Linguagens do ideário político. São Paulo: USP, 2003.

QUINTAS, Fátima. Em tom de confissão. In: FREYRE, Gilberto. De menino a homem: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Recife: Global, 2010.

ROBERT, Marthe. Romance das origens, origens do romance. São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

RODRIGUES, Nelson. Silêncio na Senzala. In: O reacionário: memórias e confissões. São Paulo:

Companhia das Letras, 1996.

RUGAI BASTOS, Elide. As criaturas de prometeu. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global 2006.

_____; RÉGO, Walquiria D. Leão. Intelectuais e política: A moralidade do compromisso. São Paulo: Olho d'água, 1999.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). Por uma História Política. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA NEVES, Margarida de. Memória e historiografia – Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel (org.). Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VARGAS LLOSA, Mario. La verdad de las mentiras. Madrid: Punto de Lectura, 2002.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e Materialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

Revistas e publicações

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 21, 1998/01. Dossiê Arquivos Pessoais.

BITTENCOURT, Libertad B. & FREDRIGO, Fabiana de S. Os lugares preenchidos pela imaginação: a cena literária como desafio aos historiadores – Carpentier e O reino deste mundo In: História Unisinos. São Leopoldo, v. 19, n. 2, 2015.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. Estudos Históricos. Revista do CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, 1998.

SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: History and Theory v. 8, n. 3, 1969.